

Dinucci, Aldo
Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

EPICTETO: SEIS DIATRIBES TEOLÓGICAS

Trad. de Aldo Dinucci
UFSE

INTRODUÇÃO

Epicteto, um dos grandes nomes do Estoicismo Imperial, entre os quais se incluem Sêneca, Musônio Rufo e Marco Aurélio, nasceu no ano 55, em Hierápolis, na Frígia, e morreu por volta de 135, em Nicópolis, antiga cidade localizada na entrada do Golfo Ambraciano, no Épiro. Filho de uma serva, recebeu um nome que era comumente dado a servos na Antiguidade e que significa ‘adquirido’. Epicteto mesmo nada escreveu. Tal tarefa coube a Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, cidadão romano de origem grega, que compilou (possivelmente com auxílio da taquigrafia) suas aulas em oito livros (*As Diatribes de Epicteto*), dos quais quatro sobrevivem, e constituiu o *Encheirídion de Epicteto*, um breviário de princípios morais epicteteanos.

As seguintes diatribes, extraídas das *Diatribes de Epicteto*, tratam de teses teológicas que Epicteto subscreve. As diatribes 1.3 e 1.9 tratam da tese segundo a qual Deus é pai de todos os homens. As diatribes 1.6 e 1.16 tratam da Providência. A diatribe 1.13, intitulada “Como fazer cada coisa de modo agradável aos Deuses”, aborda a questão da piedade. A diatribe 1.14 trata da tese da onipresença divina. Todas essas teses são fundamentalmente estoicas. Quanto à tese de que Deus é pai dos homens, ela pode ser vista como um modo metafórico de afirmar a participação do homem no divino através do pensamento: pois, como considera Epicteto e o estoicismo em geral, o homem é, como Deus, um ser pensante, e seu pensamento é um fragmento da divindade (cf. *Diatribes* 1.3.2). Para Epicteto, essa tese tem um valor intrínseco, pois, crê Epicteto, aquele que em nela crê não pode ter a confiança em si

Dinucci, Aldo

Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

abalada (cf. *Diatribes* 1.3.1). Epicteto volta a tocar nesse tema na diatribe 1.9. Aí, Epicteto aprofunda a questão, mostrando que uma das consequências de aceitar a tese do parentesco divino é ver a si mesmo como cidadão cósmico, como Sócrates o fez. Epicteto aduz a seguir o que Oldfather crê ser uma citação de Posidônio:

O maior, mais importante e mais universal sistema de todos <é o composto> pelos homens e por Deus, do qual foram lançadas as sementes que geraram não só meu pai e meu avô, mas todas as coisas que surgiram e cresceram sobre a terra, principalmente os <animais> racionais, (5) porque só estes por natureza formam uma comunidade com Deus, entrelaçados pela razão em uma vida em comum. (Epicteto, *Diatribes* 1.9.4-5)

Na diatribe 1.6, Epicteto trata da tese estoica da Providência Divina. Segundo tal tese, Deus provê os seres humanos com tudo o que eles necessitam para serem felizes. Em síntese, cada ser humano possui em si as qualidades que permitem que ele alcance a *eudaimonía*. Em Epicteto, essas qualidades se evidenciam no uso acertado das representações (*phantasíai*). Os demais animais usam as representações, mas não podem compreender o uso (*Diatribes* 1.6.13 ss.). Epicteto volta a essa questão na diatribe 1.16. Aí, nosso estoico desenvolve um tema associado ao da Providência, que é o da graça. Diferentemente de Agostinho, que séculos mais tarde afirmará uma graça divina que é dada a uma parcela dos homens apenas, Epicteto concebe a graça universalmente distribuída entre os seres humanos, os quais devem, por isso, se mostrar gratos a Deus. Epicteto pensa ainda numa época em que a noção cristã e agostiniana de pecado original não existe. Como se sabe, segundo essa tese, Adão, ao cometer o pecado original, corrompe não só a sua própria essência, mas a essência do mundo como um todo: passa existir a morte, e o sexo (acidente do pecado original) se torna necessário para a perpetuação das espécies; além disso, os seres humanos não mais podem buscar a felicidade por si mesmos, passam a depender da graça divina. Epicteto, como dissemos, pensa fora desse quadrado **pecado original – morte – graça – salvação após a morte**. Para nosso estoico, os seres humanos têm em si, graças à Providência, tudo o que precisam para a felicidade, e esta felicidade (que se traduz em bom fluxo e serenidade da alma) é para este mundo aqui, não outro além deste. Por essa razão, para Epicteto, devemos dar graças a Deus. Epicteto anuncia isso de forma particularmente bela, nos dizendo:

Dinucci, Aldo

Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

E então? Já que muitos de vós sois cegos, não é preciso haver alguém que cumpra esse papel e cante por todos o hino a Deus? (20) Pois de que é capaz um velho coxo senão cantar um hino a Deus? Se eu fosse um rouxinol, eu cantaria os cantos do rouxinol. Seu fosse um cisne, cantaria os cantos do cisne. Ora, sou um <animal> racional. É-me preciso cantar um hino a Deus. Essa é a minha obra. Eu a cumprirei. Não abandonarei este posto que me foi dado. E vos convido a essa mesma ode! (Epicteto, *Diatribes* 1.16.19-20)

Na diatribe 1.13, Epicteto nos afirma que um ato é pio se praticado virtuosamente. A tese da irmandade de todos os homens, que decorre da tese paternidade divina, surge abruptamente através da condenação da escravidão, que Epicteto concebe como fazendo parte das “miseráveis leis dos mortos” que se opõem às “leis divinas” (Epicteto, *Diatribes* 1.13.2 ss.). Epicteto, portanto, aponta para o fato de que pouco há que se falar sobre a piedade num mundo em que prevalece a escravidão. E, sobretudo, num sentido mais amplo, a piedade para com os Deuses se revela, antes de tudo, no reconhecimento da irmandade entre os seres humanos.

Por fim, na diatribe 1.14, Epicteto aborda o tema da onipresença divina. Para os estoicos, o mundo é um grande organismo vivo, vivificado por uma divindade que é centelha-pensamento-providência. Sendo assim, Deus não pode ignorar o que nele se passa. Dai decorre a tese da simpatia universal: as coisas terrenas são influenciadas pelas celestes, e tudo se desenvolve segundo as leis de Zeus (Epicteto, *Diatribes* 1.14.1 ss.). Tudo é um grande organismo dirigido por uma divindade providente e omni-senciente.

Realizamos a tradução diretamente a partir do texto grego e, a seguir, cotejamos nosso trabalho com as melhores traduções disponíveis das *Diatribes de Epicteto*, dando especial atenção à de Souilhé (1962) e de George Long (1877).

Dinucci, Aldo
Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

TRADUÇÃO

EPICETETO

SEIS DIATRIBES TEOLÓGICAS

Diatribes 1.3- Como chegar às consequências da tese de que Deus é pai de todos os Homens?

(1) Se alguém simpatizasse¹, por seu valor intrínseco², com esta opinião, que todos primariamente nascemos de Deus³ e que Deus é pai dos homens e dos Deuses, penso que não ponderaria nada sórdido ou abjeto sobre si mesmo. (2) Se César te adotasse, ninguém abalaria a tua confiança, mas se souberes que és filho de Zeus, não te exaltarás? (3) Presentemente, não fazemos isso, visto que dois elementos foram misturados em nossa gênese: o corpo, em comum com os animais; e a razão e a inteligência⁴, em comum com os Deuses. Alguns se inclinam para o primeiro parentesco, que é desafortunado e mortal. Alguns poucos, para o divino e bem-aventurado⁵.

(4) Já que é necessário que todo e qualquer homem use cada coisa segundo o que supõe⁶ sobre ela, <é necessário que> aqueles poucos que pensam ter nascido tanto para a confiabilidade e para a dignidade quanto para a precisão no uso das representações nada sórdido ou abjeto suponham sobre si mesmos. Os muitos pensam o contrário. (5) “O que sou? Um diminuto homem⁷” e “Sou um desgraçado pedaço de carne”. (6) És desgraçado, mas possuis também algo melhor que o pedaço de carne. Por que abandonas o melhor e te agarras à carne?

¹ O verbo aqui é *sympatheo*.

² “Por seu valor intrínseco”: nossa tradução para *kata axian*.

³ *Hoti gegonamen hypo tou Theou pantes*.

⁴ Respectivamente *logos* e *gnome*.

⁵ *Makarian*, acusativo feminino de *makarios*.

⁶ O verbo aqui é *hypolambano*, que, em Epicteto, pode significar “ser de opinião que” ou “supor”, ou ainda, quando em conjunção com *eimi* (ser), “aceitar a hipótese que” (Cf. D 1.25.12).

⁷ *Anthroparion*: diminutivo de *anthropos*.

Dinucci, Aldo
Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

(7) Em razão desse parentesco, <alguns> homens, inclinando-se <para a carne>, tornam-se semelhantes aos lobos: desleais⁸, traiçoeiros e nocivos. Outros <se tornam> como os leões: agrestes, bestiais e selvagens. Mas muitos de nós <se tornam> raposas e, portanto, o que há de não-afortunado⁹ entre os animais. (8) Pois que outra coisa é um homem ofensivo¹⁰ e malévolo senão uma raposa ou algum outro <animal> mais não-afortunado e abjeto? Assim, vigiai e tomai cuidado: não proveis ser algum desses animais não-afortunados.

Diatribes 1.9 – Como se pode chegar às consequências do nosso parentesco¹¹ com Deus?

(1) Se são verdadeiros os ditos dos filósofos sobre o parentesco dos Deuses e dos homens, que resta aos homens senão <repetir> o dito de Sócrates, que, quando se lhe perguntava de que país era, jamais se dizia ateniense ou coríntio, mas cidadão do Cosmos¹²?

(2) Por que dizes tu mesmo ser ateniense e não somente declaras em que canto do mundo o teu diminuto corpo foi lançado ao nascer? (3) Não é evidente que chamas a ti mesmo de ateniense ou coríntio em razão do que é mais importante e que abarca não só este mesmo canto, mas também toda a tua família e, em suma, a estirpe da qual teus antepassados descenderam até chegar a ti?

(4) Portanto, por que não chama a si mesmo de “cidadão do Cosmos” quem entendeu a administração do Cosmos e aprendeu que “O maior, mais importante e mais universal sistema de todos <é o composto> pelos homens e por Deus, do qual foram lançadas as sementes que geraram não só meu pai e meu avô, mas todas as coisas que surgiram e cresceram sobre a terra, principalmente os <animais> racionais¹³, (5) porque só estes por natureza formam uma comunidade¹⁴ com Deus, entrelaçados pela razão em uma vida em comum”¹⁵? (6) Por que <tal homem não chama a si mesmo> de “filho de Deus”? Por que ainda temerá algo que aconteça aos homens? (7) O parentesco com César ou com algum outro dos muitos poderosos em Roma fornece segurança suficiente, mantendo os amigos sem adversários e sem temer o

⁸ *Apistos*: contrário de *pistos* (“leal”).

⁹ Cf. E 21.

¹⁰ *Loidoros*.

¹¹ *Syngeneia*.

¹² *Kosmios*.

¹³ *Ta logika*.

¹⁴ *Koinoneo*: significa literalmente “partilhar, tomar parte em”, daí “formar uma comunidade”. Tal verbo relaciona-se com *koinonia*, substantivo que significa “comunhão, associação, comunidade”. Quanto à comunidade humana com Deus através da razão, cf. D 1.14.6; 2.8, 11; 17; 33.

¹⁵ *Synanastrophe*. Oldfather (p. 65, n. 32) crê ser essa uma citação de Posidônio (Cf. Diógenes Laércio, 7.138).

Dinucci, Aldo

Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

que quer que seja, e Deus, <nosso> criador, <nosso> pai, <nosso> defensor, não tirará ainda mais de nós os sofrimentos e os medos?

– (8) E como comerei, diz <alguém>, se nada possuir?

– Em que se amparam os servos¹⁶ e os fugitivos quando escapam dos seus senhores?

Em suas terras? Ou em seus servos domésticos? Ou em vasos de prata? Em nada senão em si mesmos. E apesar disso não deixam de ter o que comer. (9) E nosso filósofo precisará dos outros para viajar, depositando sua confiança neles e pernoitando com eles? Não cuidará de si mesmo? Será pior e mais covarde que os animais irracionais, cada um dos quais, defendendo-se, nem fica sem o alimento que lhe é próprio, nem sem o modo de viver que lhe é adequado¹⁷ e segundo a sua natureza?

(10) Eu penso que não é preciso que o velho aqui¹⁸ se sente maquinando de que modo não vos rebaixareis nem levareis em conta cálculos abjetos e sórdidos sobre vós mesmos; (11) mas antes que não ocorram jovens tais que, reconhecendo o parentesco com os Deuses, e que nos enlaçamos ao corpo, às posses e às quantas coisas que, em razão destes, necessariamente para nós existem para a administração do lar e do dia-a-dia da vida, queiram lançá-las fora como fardos pesados e inúteis e partir rumo aos seus aparentados. (12) E é essa a luta que é preciso que vossos professores e preceptores travem, se o forem de fato. Se vós, vindo a mim, disserem:

“Epicteto, não mais suportamos este diminuto corpo, estar ligados a ele, dar-lhe água e comida, fazê-lo descansar, lavá-lo e, por isso, conviver com estes e aqueles. (13) Não são essas coisas indiferentes¹⁹, nada em relação a nós? Não é a morte mal algum? Não somos aparentados de Deus? E não viemos dele? (14) Permite-nos voltar ao lugar de onde viemos. Permite-nos lançar fora esses laços e esses fardos aos quais estamos ligados. (15) Aqui estão os piratas, os ladrões, os tribunais e os assim chamados tiranos que pensam possuir algum poder sobre nós em razão de nosso diminuto corpo e das posses deste. Mostremos a eles que

¹⁶ *Doulos*.

¹⁷ *Katallelon*.

¹⁸ Isto é: o próprio Epicteto.

¹⁹ *Adiaphora*. Para o Estoicismo antigo, as coisas são boas ou más ou indiferentes. As duas primeiras estão no âmbito moral; as últimas, fora. Epicteto coloca essa divisão em outros termos: coisas que estão sob nosso encargo e que não estão. As primeiras são passíveis de escolha (*prohairesis*); as segundas, não. A doença, a saúde, a riqueza, a pobreza, e tudo o mais que se possa citar, incluindo a morte, não são por si mesmas nem boas nem más. Boas ou más serão as escolhas que faremos diante dessas coisas. Em outros termos, indiferentes são as que não são fins em si mesmos, mas meios para a felicidade e matéria para a ação. O fim do homem é a felicidade, e esta decorre unicamente da ausência de perturbação na alma (*ataraxia*) e do curso sereno de vida (*euroia*). As coisas indiferentes são matéria sobre a qual agimos, podendo essa ação ser boa (e assim conservar nossa mente tranquila) ou má (e assim desestabilizar nossa mente).

Dinucci, Aldo
Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

não possuem poder algum”.

(16) Neste momento me caberia dizer:

“Homens, aguardai Deus. Quando ele enviar o sinal e vos libertar desse serviço, então vos liberteis para ele. Mas, por ora, suportai, permanecendo nesse mesmo lugar ao qual ele vos designou²⁰. (17) Pouco é o tempo para permanecer aqui, e fácil para os que estão desse modo dispostos. Pois qual tirano ou qual ladrão, ou quais tribunais ainda serão temíveis para os que tornaram comparáveis a nada o corpo e as posses deste? Esperai! Não partais de modo irracional!”

(18) É preciso vir do professor algo tal para os jovens bem constituídos²¹. (19) E o que acontece agora? Um cadáver é o vosso professor, cadáveres sois vós! Quando comestes hoje, sentastes vos atormentando²² quanto a onde comereis amanhã. (20) Prisioneiro, se tiveres <o que comer>, comerás; se não tiveres, partirás. A porta está aberta. Por que lamentas? Como ainda há lugar para lágrimas? Qual será ainda a ocasião²³ para a adulação? Por que um invejará o outro? Por que <alguém> admirará²⁴ quem tem muitas posses ou os que foram designados para o poder, principalmente se forem violentos e irascíveis? (21) Pois o que esses nos fazem? Aquelas coisas que são capazes de fazer, com as quais não nos importaremos. Mas as que cuidamos, sobre essas eles não têm poder. Então quem ainda exercerá poder sobre alguém desse modo disposto?

(22) Como Sócrates se comportaria em relação a isso? De que outro modo senão do que é preciso ao homem persuadido de que é aparentado dos Deuses? (23) “Se me dissésseis agora – diz <ele>— que ‘deixar-te-emos livre sob as seguintes condições: que não mais pronuncies esses mesmos discursos que até agora falaste, nem aborreças os nossos jovens, nem os velhos’, (24) eu responderei que são ridículos quaisquer de vós que julguem ter valor que, se o vosso general me designou para um posto, é-me preciso velar por ele e guardá-lo, e

²⁰ *Etaxen* é aoristo indicativo ativo de *tasso*, que significa literalmente “colocar em ordem de batalha”, donde “ordenar”, “designar”.

²¹ O termo “bem constituído” (*euphyes*) se refere muito provavelmente aos que são mentalmente aptos para a filosofia e as atividades racionais. Um fragmento do professor de Epicteto, Musônio, que chegou-nos através destas mesmas *Diatribes*, parece confirmar isso: “Dos jovens, não é fácil atrair os que são moles, pois não se prende um <pedaço de> queijo com um anzol. Mas os naturalmente bem constituídos, se tu afastá-los, ainda mais se prendem à razão. Por isso, Rufo na maioria das vezes os afastava, fazendo uso do teste dos bem constituídos e dos mal constituídos. Pois dizia que “A pedra, mesmo quando a lançares para cima, será conduzida para baixo por causa de sua constituição. Assim também é o bem constituído: quanto mais alguém o afasta, tanto mais se inclina para aquilo que <lhe> é natural” (Musônio Rufo, fragmento 46. Cf. D 3.6.9-10).

²² Literalmente “chorando”, “deplorando”.

²³ “Ocasião” aqui traduz *aphorme*.

²⁴ *Thaumazei*.

Dinucci, Aldo

Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

mil vezes antes escolher morrer que abandoná-lo, mas se Deus nos nomeou para viver em certo lugar e de certo modo, nos é preciso abandonar <essas coisas>”²⁵. (25) Eis um homem verdadeiramente aparentado dos Deuses. (26) E nós, quanto a isso, pensamo-nos como ventres, como intestinos, como órgãos genitais, porque tememos, porque temos apetites. Por essas coisas adulamos os poderosos, e destes mesmos homens temos pavor.

(27) Certo homem julgou ter valor que eu escrevesse por ele a Roma porque parecia aos muitos ter sido desafortunado. Primeiro fora proeminente e rico, mas depois decaíra por completo e passara a viver aqui²⁶. Escrevi por ele de modo humilde. (28) Ele, uma vez tendo lido a carta, devolveu-a a mim e disse: “Eu queria algum socorro da tua parte, não piedade: não fui atingido por nenhum mal²⁷”. Desse modo também Rufo, testando-me (29), costumava dizer: “Teu senhor te fará isto ou aquilo”. E eu respondia a ele que (30) “São coisas que acontecem aos homens²⁸”. <E Rufo me dizia:> “E então? Ainda pedirei ao teu senhor o que posso obter diretamente de ti?” (31) Pois é supérfluo e vão tomar de outro o que se pode obter de si mesmo. (32) Se posso obter de mim mesmo a grandeza de alma e a nobreza, tomarei de ti terras, dinheiro ou algum cargo? De modo algum! Não sou assim tão insensível em relação às minhas posses. (33) Mas quando alguém é covarde e abjeto, o que é necessário escrever em nome dele senão cartas²⁹ como que em nome de um cadáver: “Concede-nos o cadáver de tal homem e uma medida de seu sangue”³⁰ (34). Pois ele é tal e qual um cadáver e uma medida de sangue, mais nada. Se fosse algo mais, perceberia que ninguém é infeliz por <causa de> outro.

Diatribes 1.6 – Sobre a Providência:

(1) Se alguém possui em si mesmo estas duas capacidades, é fácil elogiar a Providência³¹ por cada uma das coisas que acontecem no Cosmos: ver em conjunto³² o que acontece a cada um e ser grato³³. (2) Caso contrário, não verá a utilidade do que acontece e não dará graças por elas nem se as vir. (3) Se Deus tivesse produzido as cores e não a

²⁵ Paráfrase livre de Platão, *Apologia* 29c e 28e.

²⁶ Em Nicópolis.

²⁷ Literalmente: “Não há mal nenhum para mim”.

²⁸ *Anthropina*. Schweigäuser verte o termo *anthropinon* em latim por “humanus”, “ad hominem [pertinens]”.

²⁹ *Epistolá*: acusativo plural de *epistoles*.

³⁰ Como observa Oldfather (p. 73, n. 39), isso ocorria quando um amigo pedia pelo cadáver de um criminoso executado para realizar os serviços fúnebres.

³¹ *Pronoia*: a providência divina.

³² O termo aqui é *synoratika*.

³³ *Eucharistos*.

Dinucci, Aldo
Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

capacidade própria para vê-las, que vantagem haveria?

– Absolutamente nenhuma.

(4) Em sentido inverso, se produzisse a capacidade, mas não as tais coisas sujeitas à capacidade da visão, também aí que vantagem haveria?

– (5) Absolutamente nenhuma.

E ainda: se também tivesse produzido ambas, porém não a luz?

— Nem assim haveria alguma vantagem.

Quem adaptou isto em relação àquilo e aquilo em relação a isto? (6) Quem adaptou o punhal à bainha e a bainha ao punhal? (7) Ninguém? Certamente, a partir da própria constituição dos objetos manufaturados, costumamos declarar que são obras de algum artífice e não foram constituídos ao acaso.

(8) Então cada uma dessas coisas exhibe o artífice, mas as coisas visíveis, a visão e a luz não? (9) E o macho e a fêmea? E a alacridade³⁴ de cada um por intercuro sexual? E a capacidade para usar as partes constituídas <para isso>? Nem essas coisas exibem o artífice? Decerto que sim. (10) E tal constituição do pensamento, pela qual, ao sermos expostos às coisas sensíveis, não só percebemos as impressões³⁵ delas, mas também selecionamos, subtraímos, adicionamos algo, combinamos umas com outras e, por Zeus, passamos de uma para outras de algum modo justapostas – nem essas coisas são suficientes para mover alguns e detê-los quanto a deixar para trás o artífice? (11) Que nos expliquem o que produz cada uma dessas coisas ou como é possível surgirem coisas tão fascinantes e próprias da arte ao acaso e espontaneamente.

(12) E então? Essas coisas vêm à existência só por nossa causa? Muitas, das quais o animal racional tem necessidade em especial, o são, mas muitas outras descobrimos que são comuns a nós e aos <animais> irracionais. (13) Estes últimos compreendem o que acontece? De modo algum. Já que uma coisa é o uso e outra é a compreensão. Deus tem necessidade dos <animais irracionais> que usam as representações e de nós que compreendemos o uso.

(14) Em razão disso, basta, para os irracionais, comer, beber, repousar, copular e as quantas outras coisas que cada um deles realiza. (15) Porém, para nós, aos quais também a capacidade de compreender foi dada, essas coisas apenas não bastam, mas se não agirmos de

³⁴ *Prothymia*: alacridade, prontidão, propensão (Cf. Schweighäuser, 1799 (3), p. 430).

³⁵ *Typoumetha*.

Dinucci, Aldo

Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

modo correto, ordenado e condizente com a natureza e com a constituição³⁶ de cada um, não realizaremos nossos fins. (16) Pois sendo diferentes as constituições, também o serão suas obras e seus fins. (17) Para quem a constituição implica apenas o uso, o mero ato de usar basta. Entretanto, para quem a constituição <implica> também a compreensão do uso, se essa capacidade não é exercitada, jamais seu fim será realizado. (18) E então? <Deus> constituiu cada um deles, um para ser comida, outro para servir à agricultura, outro para produzir queijo e outro ainda para outro uso semelhante. Que uso há, no que se refere a essas coisas, em compreender as representações e ser capaz de distingui-las? (19) Deus introduziu o homem como seu expectador³⁷ e de suas obras. E não só como expectador, mas também como exegeta³⁸ de suas obras. (20) É, em razão disso, vergonhoso³⁹ para o homem começar e terminar como os irracionais: <é preciso> antes aí começar e terminar lá onde a natureza determinou. (21) E ela o determinou para a contemplação⁴⁰, para a compreensão e para um modo de vida em harmonia com a natureza. (22) Assim, cuidai para não virdes a morrer sem serdes expectadores dessas coisas.

(23) Viajais para Olímpia para verdes a obra de Fídias⁴¹, e cada um de vós pensa <ser> um infortúnio⁴² morrer desconhecendo essas coisas. (24) Mas quando não é preciso viajar e estais onde também estão as obras, não desejareis contemplá-las e conhecê-las bem? (25) Não perceberéis, por essa razão, quem sois, nem para que viestes à existência, nem em razão do que recebestes <essa> visão? (26) Porém, há coisas desagradáveis e difíceis na vida. E elas não ocorrem em Olímpia? Não sofreis com o calor? Não ficais em lugares apertados? Não vos banhais mal? Não ficais encharcados quando chove? Não suportais o tumulto e o calor, entre outras dificuldades? (27) Penso que suportais e tolerais todas essas dificuldades comparando-as com o caráter memorável do espetáculo.

(28) Pois bem: não recebestes capacidades com as quais podeis suportar tudo o que acontece? (29) Não recebestes grandeza de alma⁴³? Não recebestes coragem⁴⁴? Não

³⁶ *kataskеue*: “constituição, natureza”. Cf. D 1.6.7; 1.6.15; 2.8.20; 2.10.4; MAA, 4.32; 6.44; 7.20; 11.5.

³⁷ *Theates*: substantivo relacionado ao verbo *theomai* (“ver, contemplar”) que significa literalmente “alguém que vê ou vai ver algo”. No teatro é o “expectador”.

³⁸ *Exegetes*: “exegeta, intérprete”.

³⁹ *Aischron*: literalmente o que causa vergonha, desonra, reproche. Relativamente à aparência, significa “feio”.

⁴⁰ *Theoria*.

⁴¹ Fídias (ca. 480 – 430 a.C.) foi pintor, escultor e arquiteto grego. Como escultor, é tido como um dos maiores da era clássica. Sua estátua de Zeus foi considerada uma das sete maravilhas do mundo antigo. Projetou a gigantesca estátua de Atenas que havia no interior do Partenon.

⁴² *Atychema*.

⁴³ *Megalopsychia*: ou também “caráter magnânimo”.

Dinucci, Aldo

Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

recebestes constância⁴⁵? Assim, do que sucede, o que ainda me causará preocupação se eu tiver grandeza de alma? O que me confundirá ou me agitará? Ou o que me parecerá aflitivo⁴⁶? Não usarei a capacidade que recebi, mas lamentarei e gemerei por causa do que sucede?

(30) – Sim, mas meu nariz está escorrendo.

– Para que possuis mãos, prisioneiro? Não é para te assoares?

– (31) Então é racional haver no mundo narizes escorrendo?

– (32) E quão melhor te seria assoar o nariz que acusar! O que pensas que Hércules teria se tornado se não houvesse um leão, uma hidra, um cervo, um javali e homens injustos e ferozes que ele expulsou e abateu? (33) E o que faria se nada de tal tivesse acontecido? Não é evidente que se envolveria num cobertor e dormiria? Portanto, em primeiro lugar, ele não teria se tornado Hércules se desperdiçasse toda a vida na luxúria⁴⁷ e na inação⁴⁸. E mesmo se tivesse <se tornado Hércules>, qual seria a vantagem para ele? (34) Que uso teriam seus braços, toda a sua força, <sua> constância e <sua> nobreza⁴⁹ se certas dificuldades⁵⁰ e assuntos tais não o sacudissem e não o exercitassem?

– (35) E então? Seria preciso que ele fornecesse para si essas coisas e procurasse o leão e a hidra e os levasse para a sua terra natal?

– (36) Isso seria tolice e loucura. Porém, essas coisas surgiram, foram descobertas e, ao serem bem usadas, trouxeram à luz e exercitaram Hércules.

(37) Assim, vem tu também, sabendo disso, e presta atenção nas capacidades que possuis e, <uma vez> tendo-as visto, diz: “Traz agora, ó Zeus, a dificuldade que quiseres: pois possuo a constituição que me foi dada por ti e os recursos para me dispor⁵¹ através do que suceder”. (38) Mas não: permaneceis sentados, tremendo de medo pelo que não aconteceu, lamentando, chorando e gemendo diante dos acontecimentos. Logo acusais os Deuses. (39) Por conseguinte, que outra coisa segue tal sordidez senão a impiedade? (40) E certamente Deus não só nos deu essas capacidades com as quais suportaremos tudo o que suceder sem sermos diminuídos nem destroçados, mas, como é próprio do bom rei e do verdadeiro pai,

⁴⁴ *Andreia*: literalmente “virilidade”.

⁴⁵ *karteria*: literalmente “paciente perseverança”.

⁴⁶ *Odyneros*: literalmente “doloroso”.

⁴⁷ *Tryphe*: “vida mole, luxuriosa, efeminada”.

⁴⁸ *Esychia*: “descanso”.

⁴⁹ *Gennaiotes*: “nobreza” – Isto é: o caráter de um *gennaios* (“nobre”).

⁵⁰ *Peristasis*: “circunstância, situação ou posição difícil, crise” (nestes dois últimos sentidos, cf. D 2.6.17, MAA 1. 9.13).

⁵¹ *Kosmesai*: infinitivo aoristo de *kosmeo*, verbo que significa “ordenar, regradar, adornar, equipar, embelezar”.

Dinucci, Aldo
Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

também deu <aquela capacidade> desimpedida, não constrangida, desembaraçada, fazendo-a totalmente sob nosso encargo⁵², não reservando nem para ele mesmo poder algum para obstruí-la ou entravá-la. (41) Possuindo essas capacidades livres, vós mesmos não as utilizais, nem percebeis o que recebestes, nem de quem, mas permaneceis lamentando e gemendo. (42) Uns, cegos em relação a quem as concedeu e não reconhecendo o seu benfeitor. Outros, por sordidez, lançando censuras e acusações contra Deus. (43) Eu te mostrei que possuis princípios⁵³ e constituição para a grandeza de alma e para a coragem: mostra-me quais princípios possuis ainda para censurar e acusar.

Diatribes 1.16 – Sobre a Providência⁵⁴:

(1) Não te admires se, para os outros animais, as coisas relativas ao corpo foram dispostas⁵⁵, não só os alimentos e a água, mas também o repouso e ausência de precisão de calçado, de leito, de vestimenta, enquanto nós temos precisão de todas essas coisas. (2) Aos outros animais, que nasceram não para si mesmos, mas para o serviço⁵⁶ <aos demais>, não foi melhor terem sido criados tendo precisão de outras coisas. (3) Pois vê como seria cuidar não só de nós mesmos, mas também dos carneiros e dos jumentos, como se vestem, como se calçam, como comem, como bebem. (4) Do mesmo modo que os soldados⁵⁷ estão dispostos⁵⁸ diante do general calçados, vestidos, equipados⁵⁹, e terrível seria se fosse preciso que o quiliarca andasse de lá pra cá para calçar e vestir os milhares de soldados, assim também a Natureza fez os animais nascidos dispostos para o serviço, equipados, sem precisão adicional de cuidado algum, (5) de modo que mesmo uma criança pequena conduz carneiros com uma vara.

(6) Mas, agora, nós, ao deixar de dar graças por eles porque não temos com eles o mesmo cuidado⁶⁰ que temos conosco, acusamos Deus pelo que nos cabe⁶¹. (7) E certamente, por Zeus e pelos Deuses, uma só das coisas produzidas pela Natureza leva o homem digno e

⁵² Epicteto refere-se aqui à capacidade de escolha (*prohairesis*).

⁵³ *aphorme*: literalmente “ponto de partida”.

⁵⁴ *Peri pronoias*:

⁵⁵ *Ta pros to soma hetoima gegonen*.

⁵⁶ *Hyperesia*.

⁵⁷ *Stratiotai*: nominativo plural de *stratiotes*, de *stratia* (“exército”).

⁵⁸ *Hetoimoi*.

⁵⁹ *Hoplismenoi*: participio perfeito nominativo plural de *hoplizo*, que significa aqui “armar”, “equipar”, donde *hoplites* (“hoplita”: soldado de infantaria fortemente armado).

⁶⁰ *Epimeleia*.

⁶¹ *Eph' hautois enkaloumen toi Theoi*.

Dinucci, Aldo
Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

grato a perceber a Providência⁶². (8) E não me fale agora sobre as grandes coisas. Mesmo o surgimento do leite a partir do pasto; e, a partir do leite, o queijo; e, a partir da pele, a lã – quem fez ou concebeu essas coisas?

– Ninguém – diz <alguém>.

– Ó <homem> de grande insensibilidade e impudência!

(9) Vamos! Deixemos as obras da Natureza, contemplemos as suas obras incidentais⁶³.

(10) Há algo mais inútil que os pelos do queixo? E então? Ela não fez uso deles e do modo mais adequado possível? Não se distinguem por eles o macho e a fêmea? (11) Não exclama à distância a natureza de cada um de nós: “Homem sou – assim aproxima-te de mim, assim fala comigo, nada mais busques: vê os símbolos”? (12) De novo, em relação às mulheres, do mesmo modo que misturou à voz algo mais delicado, também retirou os pelos do queixo. Não <, tu me dizes,> é preciso deixar o animal sem distinções, e que cada um de nós anuncie: “Sou homem”. (13) Mas quão belo, formoso e digno de reverência o símbolo <é>! Quão mais belo que a crista do galo! Quão mais formoso que a juba dos leões! (14) Em razão disso é preciso conservar os símbolos de Deus, é preciso não os jogar fora – é preciso, no quanto depende de nós, não confundir os gêneros que foram divididos.

(15) São somente essas as obras da Providência sob nosso encargo⁶⁴? E que discurso basta, para, de modo semelhante, elogiar ou apresentar essas obras? Pois se possuímos intelecto⁶⁵, o que precisamos fazer, tanto em público quanto a sós, senão celebrar em cantos, louvar a Deus e fazer jus às suas graças?⁶⁶ (16) Não é preciso, ao arar, ao semear e ao comer, cantar um hino a Deus? “Grande é Deus, que nos concedeu estes instrumentos com os quais lavramos a terra; (17) grande é Deus, que nos deu as mãos, que nos deu a capacidade de comer, que nos deu o ventre, que nos deu a capacidade de crescer sem que percebamos, que nos deu a capacidade de respirar enquanto dormimos!” (18) É preciso cantar um hino sobre cada uma dessas coisas, e o melhor e mais divino hino porque Deus nos deu a capacidade de compreendê-las e, por meio dela, <a capacidade> de utilizá-las.

(19) E então? Já que muitos de vós sois cegos, não é preciso haver alguém que cumpra

⁶² *Pronoia*.

⁶³ *Parerga*: “ações subordinadas, acessórias”.

⁶⁴ *Eph'hemon*. Dobbin traduz a expressão por “in our case”; Georg Long, por “in us”. Talvez Epicteto chame essas ações da natureza como “dependentes de nós” porque podemos alterá-las em alguma medida, embora não sejam *eph'hemin* em sentido estrito.

⁶⁵ *Nous*.

⁶⁶ Cf. MAA, 5.33.

Dinucci, Aldo
Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

esse papel e cante por todos o hino a Deus? (20) Pois de que é capaz um velho coxo senão cantar um hino a Deus? Se eu fosse um rouxinol, eu cantaria os cantos do rouxinol. Seu fosse um cisne, cantaria os cantos do cisne. Ora, sou um <animal> racional. É-me preciso cantar um hino a Deus. Essa é a minha obra. Eu a cumprirei. Não abandonarei este posto que me foi dado. E vos convido a essa mesma ode!

Diatribe 1.13 – Como fazer cada coisa de modo agradável⁶⁷ aos Deuses:

(1) Quando alguém indagou sobre como comer de modo agradável aos Deuses, <Epicteto> disse: “Se de modo justo, prudente⁶⁸, equitativo, com autocontrole e ordenado, não se come também de modo agradável aos Deuses?”⁶⁹ (2) Quando, ao pedires água quente, o pequeno servo não te obedecer; ou, se obedecer, trazer água morna; ou nem a encontrar na casa, não é agradável aos Deuses não se irritar⁷⁰ nem gritar⁷¹?

– (3) Então como suportar⁷² coisas tais?

– Prisioneiro, não suportas teu próprio irmão, que possui Zeus como ancestral, que é igualmente filho <de Zeus>, gerado a partir das mesmas sementes e da mesma sementeira⁷³ dos céus⁷⁴? (4) Se foste designado⁷⁵ a tal posto de proeminência⁷⁶, imediatamente estabelecer-te-ás⁷⁷ como um tirano? Não lembras quem és e quem comandas? <Não lembras> que são

⁶⁷ *Arestos*.

⁶⁸ *Eugnomonos*: “de bom sentimento, atencioso, razoável”, donde também “sensível, prudente”. Dobbin o verte por “with discretion”; Georg Long, por “contentedly”.

⁶⁹ Epicteto responde socraticamente à questão sobre o que é pio ou não comer. Quer dizer, quanto à piedade, não importa o que se come, mas com qual atitude se come.

⁷⁰ O verbo aqui é *chalepaino*: que significa literalmente “ser severo”, mas que, quando empregado em relação a pessoas, significa “ser violento”, “irritar-se”.

⁷¹ *Rhegnysthai*: infinitivo passivo de *rhegnymi*: literalmente “quebrar em pedaços”. Após Homero, “gritar”. Na passagem em questão, significa literalmente “estourar”. Arriano inspirou-se nessa passagem para escrever o primeiro parágrafo do capítulo 12 do *Encheiridion*.

⁷² *Anaschetai* é subjuntivo presente 2ª do singular de *anecho* (“suportar”). Este verbo está presente no famoso *dictum* epictetiano, que nos foi transmitido por Aulo Gélío:

Além disso, esse mesmo Epicteto, como nós ouvimos de Favorino, costumava dizer haver dois vícios entre todos de longe mais graves e perniciosos: a incapacidade de resistir e a incapacidade de abster-se, quando ou não resistimos aos sofrimentos que devem ser suportados, ou não nos abtemos de coisas e desejos em relação aos quais devemos nos conter. “Assim,” diz Epicteto, “se alguém tomar a peito estas duas palavras e as velar através do governo e da observação de si mesmo, na maior parte do tempo não cometerá faltas e viverá uma vida tranquilíssima”. Essas duas palavras Epicteto dizia serem anechou (“resiste”) e apechou (“abstém-te”). (Noites áticas, 17.19.5 (= Epicteto, fragmento 179)).

⁷³ *Katabole*.

⁷⁴ *Anothen*: “de cima”.

⁷⁵ *Katetages*: aoristo indicativo passivo 2ª do singular de *katatasso*, que significa primariamente “pôr em ordem, arrumar”, donde “designar”.

⁷⁶ *Tini toiautei chorai* [...] *hyperechousei*.

⁷⁷ *Katasteseis*: futuro indicativo ativo 2ª do singular de *katathistemi*.

Dinucci, Aldo
Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

teus aparentados, que são por natureza teus irmãos, que são descendentes de Zeus?

– (5) Mas eu os comprei, e eles não me compraram.

– Vês para onde olhas? Que <olhas> para a terra, para o precipício, para essas miseráveis leis dos mortos – e não para as leis dos Deuses?⁷⁸

Diatribes 1.14 – Que o Divino supervisiona todos os homens

(1) Quando alguém indagou como persuadir-se de que cada uma das coisas feitas por ele é vista por Deus, <Epicteto> disse:

– Não te parece que todas as coisas estão unidas⁷⁹?

– Parece – disse <o outro>.

– (2) E então? Não te parece que as coisas terrenas⁸⁰ são influenciadas⁸¹ pelas celestes⁸²?

– Parece – disse <o outro>.

– (3) Pois como as coisas são ordenadas assim, como que por comando⁸³ de Zeus? Quando ele manda⁸⁴ que floresçam as plantas, elas não florescem? Quando ele manda que germinem as plantas, elas não germinam? Quando ele manda que frutifiquem, elas não frutificam? Quando ele manda que amadureçam os frutos, eles não amadurecem? Quando, novamente, manda que <as árvores> lancem ao chão os frutos, percam suas folhas, recolham-se em si mesmas e em repouso permaneçam e descansem, elas não permanecem em repouso e descansam? (4) E por que se contempla, durante as fases da lua⁸⁵ e a aproximação e a recessão do avanço do Sol, tal variação e transformação em contrários entre as coisas terrenas⁸⁶? (5) Estariam as plantas e os nossos corpos ligados à totalidade e sendo igualmente afetados⁸⁷, mas nossas almas não o estariam muito mais? (6) <Se> as almas estão assim tão

⁷⁸ Vemos aqui Epicteto criticando a instituição da escravidão como ímpia e contrária às leis divinas.

⁷⁹ *Henosthai ta panta*: *henosthai* é infinitivo passivo de *henoo*, que significa primariamente “tornar um”, “unificar”, daí nosso “estão unidas”. Quanto à unidade do mundo segundo os estoicos, cf. Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 95; MAA, 6.10; 7.9; Cícero, *Da natureza dos Deuses*, 2.7; *Do orador*, 3.5.

⁸⁰ *Ta epigeia*.

⁸¹ Assim vertemos *sympathein*, infinitivo de *sympatheo*, que significa primariamente “ser afetado por simpatia”.

⁸² *Ouraniois* é dativo plural de *ouranios*, adjetivo que significa “celestial”.

⁸³ *Protagmatos*, genitivo de *protagma* (“comando, ordem”). O termo só ocorre em Epicteto nesta passagem.

⁸⁴ “Manda” traduz aqui *eipei*, aoristo subjuntivo ativo 3ª do singular de *eipon*, verbo defectivo que significa primariamente “disse”, mas que, seguido de dativo, adquire o sentido de “ordenar, dar uma ordem”. Escolhemos “mandar” para distinguir de *tasso*.

⁸⁵ Literalmente: “o crescimento e a diminuição da lua” (*Selene*).

⁸⁶ *Tosaute parallage kai epi ta enantia metabole ton epigeion*.

⁸⁷ *Sympeponthen*: perfeito indicativo ativo de *sympascho* (“ser afetado conjuntamente”).

Dinucci, Aldo

Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

ligadas e conectadas⁸⁸ a Deus, como partes e fragmentos⁸⁹ dele, não percebe Deus todos os movimentos delas como próprios e conatos⁹⁰?

(7) E tu mesmo não és capaz de ponderar sobre a administração divina e sobre cada uma das coisas divinas e, igualmente, sobre os negócios humanos, e, ao mesmo tempo, ser movido por miríades de coisas, tanto pela percepção quanto pelo pensamento – pelo assentimento, pela negação ou pela suspensão de juízo⁹¹? (8) E tu não guardas em tua alma tantas impressões⁹² de muitas e variadas⁹³ coisas? E, a partir delas, pela inteligência⁹⁴, não te deparas com <representações> semelhantes às primeiras? E não conservas artes, uma após a outra, e memórias de miríades de coisas? (9) E Deus não é capaz de supervisionar todas as coisas, estar presente em todas elas e receber certa comunicação delas todas? (10) O Sol é capaz de iluminar tão grande parte de tudo, e o pouco que resta sem iluminação é o quanto é possível ser coberto pela sombra que a Terra produz. Mas aquele que fez o próprio Sol (e que difere dele por ser <o Sol> uma pequena parte do todo) não é capaz de perceber todas as coisas?

– (11) Porém, eu – diz <alguém> – não posso compreender tudo isso ao mesmo tempo.

– Mas alguém te disse isto: que tens capacidade igual à de Deus? (12) Entretanto, <ele> pôs ao lado de cada um nada menos que um guardião divino⁹⁵, e pôs nas mãos deste

⁸⁸ *Synapheis*: acusativo plural de *synaphes* (“unido, conectado”).

⁸⁹ *Apospasmata*: acusativo plural de *apospasma* (“fragmento, pedaço”).

⁹⁰ Para Epicteto e os estoicos, Deus é um ser vivo que, como o homem, faz uso das representações, percebendo e interpretando as coisas que ocorrem, já que todas elas acontecem em certo sentido nele. Em outros termos, o universo inteiro é um ser vivo que percebe o que ocorre em cada uma de suas partes. Há um fragmento de Musônio Rufo mencionando isso:

Das coisas existentes, umas Deus pôs sob nosso encargo, outras não. Sob nosso encargo está a mais bela e virtuosa, aquela pela qual ele próprio também é feliz: o uso das representações, pois que, dando-se retamente, é liberdade, serenidade, confiança; como também justiça, lei, prudência e a virtude por inteiro (Musônio Rufo, fragmento 38 (=Estobeu, II, 8, 30)).

⁹¹ A frase em grego é construída adverbialmente: *aisthetikos* (“pela sensação”) [...] *dianoetikos* (“pelo pensamento”) [...] *synkatathetikos* (“pelo assentimento”) [...] *ananeustikos* (“pela negação”) [...] *ephektikos* (“pela suspensão de juízo”).

⁹² Impressões aqui traduz *typous*, acusativo plural de *typos*, que significa primariamente “golpe” ou “efeito de golpe ou pressão”, donde “impressão”, “selo” (perpetrados por sinete, por exemplo). O termo tem íntima relação, nos estoicos, com o conceito de representação (*phantasia*), relacionando-se à concepção de representação de Cleanto.

⁹³ *Poikilon* é genitivo plural de *poikilos*, que significa primariamente “multicolorido”, mas, em sentido metafórico, “diversificado”, “complexo”.

⁹⁴ *Epinoia*.

⁹⁵ *Daimon*. Como observa Dobbin (1998, p. 153), esse termo indica (1) algo intermediário entre o homem e Deus, (2) o espírito guardião de cada homem, (3) a própria razão. Cf. Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 41.2: *sacer intra nos spiritus sedet, malorum bonorumque nostrorum observator et custos. Hic prout a nobis tractatus est, ita nos ipse tractat. Bonus vero vir sine deo nemo est; an potest aliquis supra fortunam nisi ab illo adiutus exurgere?*

Dinucci, Aldo

Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

guardar, incansável e infalível, cada um. (13) Que outro guardião, melhor e mais solícito, poderia Zeus pôr ao lado de cada um de nós? De modo que, quando fechardes as portas e colocardes dentro a escuridão, lembrai-vos de jamais dizer que estais sós. (14) Pois não estais, mas Deus está dentro de vós, e o vosso divino <guardião> está dentro de vós. E que precisão tem ele de luz para ver o que estais fazendo? (15) A esse Deus é preciso que façais um juramento, como os soldados a César. Estes, por ganharem um salário, juram que irão pôr a segurança de César acima de tudo. Então vós, ao serdes julgados de valor para tantas e tamanhas coisas, não ireis prestar o juramento? Ou, ao prestá-lo, não o mantereis? (16) E o que ireis jurar? Não ireis jamais desobedecer, nem acusar, nem censurar alguma das coisas dadas por ele, nem ireis fazer algo contrariados, nem sofrereis pelas coisas necessárias. (17) É semelhante esse juramento àquele <dos soldados>? Naquele, eles juram não honrar ninguém senão César. Neste, <juramos> honrar nós mesmos acima de tudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AULO GÉLIO. *Noctium Atticarum*. Harvard, Loeb, 2002.

CÍCERO. *De Finibus. Bonorum Et Malorum*. Trad. H. Rackham. Harvard: Loeb Classical Library, 1914.

CÍCERO. *On the Nature of the Gods. Academics*. Trad. H. Rackham. Harvard: Loeb Classical Library, 1933.

CÍCERO. *On the orator. On fate. Stoic Paradoxes. Divisions of oratory*. Trad. H. Rackham. Harvard: Loeb Classical Library, 1942.

DINUCCI, A. Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo; Gaius Musonius Rufus *Fragmenta Minora*. IN: *Trans/Form/Ação* vol.35 n.3 Marília, 2012.

EPICTETO. *Entretiens; Livre I*. Trad. Souilhé. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

EPICTETO. *Epictetus: Discourses, Book I*. Trad. Dobbin. Oxford: Clarendon, 2008.

EPICTETO. *The Discourses as reported by Arrian (Books I, II, III & IV); Fragments; Encheiridion*. Trad. W. A. Oldfather. Cambridge: Loeb, 2000.

EPICTETO. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian (Books I, II, III & IV); Fragments; Encheiridion*. Trad. W. A. Oldfather. Cambridge: Loeb, 2000.

EPICTETO. *The Discourses of Epictetus, with the Enchiridion and Fragments*. Trad. George

Ille dat consilia magnifica et erecta. In unoquoque virorum bonorum. (“Assim digo, Lucílio, reside em nós o sagrado, observador de nossos bens e males e guardião. Ele, assim como o tratamos, do mesmo modo nos trata. Ninguém é bom varão sem Deus; é possível a alguém elevar-se acima da fortuna e não ser ajudado por ele? Ele dá conselhos grandiosos e retos”). Cf. Virgílio, *Eneida*, 8.352 (*Quis deus, incertum est, habitat deus* – “Em nós habita um deus; mas que deus é, é incerto”); *Fasti*, 6.5 (*Est Deus in nobis, agitante calescimus illo [ipso]: Impetus hic sacrae semina mentis habet* – “Há um deus em nós, cujo movimento nos aquece: seu impulso possui a semente da mente sagrada”); *MAA*, 3.5; 5.27; Menandro 881 ss.

Dinucci, Aldo

Epicteto: Seis Diatribes Teológicas

Long. Londres: George Bell & Sons, 1877.

Hadot. Une clé de Pensées de Marc Aurèle: les trios topoi philosophiques selon Epictète. IN: Les Études Philosophiques, 1, 1978, p. 63-85.

MARCOS AURÉLIO ANTONINO. *Marcus Aurelius*. Trad. C. R. Haines. Harvard: Loeb Classical Library, 1916.

PLATÃO. *Euthyphro. Apology. Crito. Phaedo. Phaedrus. Crito*. Trad. H. N. Fowler. Harvard: Loeb Classical Library, 1914.

SCHWEIGHAUSER. *Epicteteae Philosophiae Monumenta*. 3 vol. Leipsig: Weidmann, 1799.

SÊNECA. *Epistles 1-66*. Trad. R. M. Gummere. Harvard: Loeb Classical Library, 2001.

SÊNECA. *Epistles 66-92*. Trad. R. M. Gummere. Harvard: Loeb Classical Library, 2001.

VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 1: Zeno or Zenonis Discipuli*. Berlim: De Gruyter, 2005.

VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 2: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica*. Berlim: De Gruyter, 2005.

VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 3: Chrysippi fragmenta moralia. Fragmenta Successorum Chrysippi*. Berlim: De Gruyter, 2005.